

**A Cidade em “Guerra”:
a Vila da Paz e sua história (Teresina, 1986-1990)**

*Marcelo de Sousa Neto^I
Karina Viana da Silva^{II}*

Resumo: Inserido no contexto de expansão das cidades brasileiras durante a redemocratização, o presente artigo tem como interesse central discutir o processo de expansão e ocupação dos espaços da cidade de Teresina (PI), destacando as formas de acesso à moradia e a problemáticas que envolvam histórias, memórias e a relação dos sujeitos com o cenário urbano. Dessa maneira, o trabalho analisa os mecanismos de ocupação e disputas políticas existentes no bairro Vila da Paz, no recorte de 1986 a 1990, tomando como ponto de partida das análises o processo de ocupação da área e as disputas entre herdeiros, ocupantes e Estado, destacando o início de sua urbanização e a atuação da Igreja Católica na definição dos contornos tomados pela comunidade. Nesse percurso, a pesquisa lançou mão do estudo hemerográfico e do uso da metodologia da História Oral, a partir de entrevistas temáticas com moradores da Vila, no intuito de discutir como a imprensa retratava a ocupação da Vila e os significados atribuídos por seus primeiros moradores sobre o processo.

Palavras-chave: Cidade; Urbanização; Memória; Vila da Paz; Teresina (PI).

**The City in "War":
the Vila da Paz and its history (Teresina, 1986-1990)**

Abstract: This article focuses on the process of expansion and occupation of the spaces of the city of Teresina (PI), highlighting the forms of access to housing and the problems that involve stories, memories and the relationship of the subjects with the urban scene. In this way, the work analyzes the mechanisms of occupation and political disputes in the neighborhood of Vila da Paz, from 1986 to 1990, taking as a starting point the analysis of the process of occupation of the area and disputes between heirs, occupiers and the State, highlighting the beginning of its urbanization and the role of the Catholic Church in defining the contours taken by the community. In this way, the research made use of the study of newspapers and the use of Oral History methodology, based on thematic interviews with residents of the Village, in order to discuss how the press portrayed the occupation of the Village and the meanings attributed by its first inhabitants about the process.

Keywords: City; Urbanization; Memory; Vila da Paz; Teresina (PI).

Artigo recebido em 02/10/2018 e aprovado em 17/12/2018.

A CIDADE EM “GUERRA”: A VILA DA PAZ E SUA HISTÓRIA (TERESINA, 1986-1990)

MARCELO DE SOUSA NETO
KARINA VIANA DA SILVA

Introdução

A trajetória histórica do hoje bairro Vila da Paz, começou a ser construída no ano de 1986, quando um considerável grupo de pessoas ocuparam um terreno particular nas margens de uma importante avenida da cidade de Teresina, a avenida Presidente Getúlio Vargas, em área acidentada e recortada por um enorme grotão^{III}. Para seu estudo, tornou-se necessário caracterizar seus espaços enquanto elementos de análise histórica. Localizado na região sul da Capital, a área ocupada era marcada pela falta de infraestrutura para receber seus novos habitantes. Contudo, essa é uma situação que vem sofrendo significativas mudanças com o processo de urbanização pela qual essa comunidade vem passando, ocasionando a visível transformação espacial do bairro, resultante de intensas e tensas reivindicações conduzidas por seus moradores e que teve seus contornos traçados por meio do protagonismo destes nos anos iniciais da ocupação.

Assim, é relevante discutir sobre alguns elementos que estão intrínsecos nessa perspectiva da análise do bairro, além da sua própria constituição histórica. Nesse sentido, outra questão encaminhada, trata-se do próprio processo de urbanização experimentado pelo bairro e que traz consigo uma estreita relação com as transformações espaciais vivenciadas pela cidade no período, considerando a variedade e relevância destas transformações no corpo da cidade.

Para tanto ao longo do texto se fará uso da metodologia da História Oral, objetivando perceber as impressões dos moradores em rememorar situações e acontecimentos que marcaram a história do bairro Vila da Paz, no sentido de que, como observa Sandra Jatahy Pesavento^{IV}, além de se buscar analisar as fontes escritas, é relevante observar a forma de dizer a cidade especificamente essa parte da mesma, através do som e das palavras ditas. Desta forma, como recurso metodológico, o emprego da fonte oral tornou-se indispensável para construção dessa narrativa histórica, mais especificamente a partir de entrevistas temáticas, como proposto por Lucília Delgado^V, com os moradores mais antigos do bairro e que ainda residem na região.

No presente estudo, o uso da metodologia da história oral torna-se ainda mais relevante pela necessidade de investigar as memórias dos primeiros moradores de forma a ajudar a traçar as trajetórias tomadas por esses, na perspectiva apontada por Pesavento, ao observar que,

Entram em cena, assim, os recursos de uma história oral, recuperando depoimentos e relatos de memória, que retraçam uma experiência do vivido e do possível de ser recuperado pela reminiscência, transmitido no presente para aqueles que não estiveram na cidade do passado. Fala-se e conta-se, então, dos mortos, dos lugares que não mais existem, de sociabilidades e ritos já desaparecidos, de formas de falar desusadas, de valores desatualizados. Traz-se ao momento do agora, de certa forma, o testemunho de sobreviventes de um outro tempo, de habitantes de uma cidade que não mais existe. Essa é, sem dúvida alguma, uma história de fragmentos, de composição em mosaico. Pouco fiável, dirão alguns, pois aquele que rememora não apenas reconta o que viveu a cada momento evocativo, como lida com o gap inegável existente entre o tempo do vivido e o tempo da narrativa. A história oral de uma cidade é tecida e retecida continuamente. O depoente, no caso, é o

A CIDADE EM “GUERRA”: A VILA DA PAZ E SUA HISTÓRIA (TERESINA, 1986-1990)

MARCELO DE SOUSA NETO
KARINA VIANA DA SILVA

senhor do tempo, refazendo o que diz sobre o passado da cidade em cada vez que discorre sobre ele^{VI}.

Acessar fragmentos do mosaico de uma cidade que não existe mais, perscrutada por meio das memórias de sobreviventes de um outro tempo, representa o desafio proposto pela presente pesquisa, desafio este que ajuda a recontar um pouco da história da cidade de Teresina e de seus moradores.

1 Da moradia sonhada à Vila erguida: os primeiros passos da criação da Vila da Paz

Escrever sobre a constituição histórica do bairro Vila da Paz nos reporta ao ano de 1986, quando um número significativo de pessoas sem condições financeiras ocuparam uma área ociosa as margens de uma importante avenida, como dito, a Avenida Getúlio Vargas, e do Terminal Rodoviário de Teresina, Terminal Rodoviário Governador Lucídio Portella, acontecimento esse que é destacado no relato de um dos primeiros moradores daquela área, o senhor José Félix de Paula, que relembra:

Foi no mesmo ano, a ocupação se deu em toda área da Vila da Paz, que formam 43 hectares de chão, foi ocupada tudo no mesmo tempo, num espaço de três a quatro dias foi toda ocupada, foi desbravada toda a mata, eu limpei o terreno aqui, num espaço de dois dias, dois dias e meio, aqui era pequeno, eu limpei todinho, ai encaminhei os trabalhos de cercado, levantar o barraco, que a tendência aqui era pra ocupar a área pra não, porque o que justificaria morar é a questão da moradia pra não deixar..., digamos porque muitas vezes as pessoas marcava terreno limpava, e por uma questão de tempo, ou questão socioeconômica, as vezes a pessoa tratava um dia ou dois, quando chegava outro já tinha tomado de conta. E eu me passei pra dentro do terreno praticamente dentro dos matos^{VII}.

Nessa passagem o entrevistado evidencia os limites ao acesso à moradia na cidade, visto que em Teresina, em período anterior e mesmo durante o período em estudo, as políticas públicas de moradia popular não atendiam parcela significativa da população, incapazes de arcar os custos com o financiamento habitacional, excluindo as famílias que não conseguiam comprovar renda^{VIII}. Dessa forma, ainda dentro do contexto inaugurado durante os Governos Civil-Militar, é importante ressaltar a existência de políticas habitacionais, caracterizada pela atuação do Banco Nacional de Habitação – BNH, onde se disponibilizavam empréstimos aos governos estaduais e estes encaminhavam às companhias de habitação para a construção de conjuntos de casas. Entretanto, para ser beneficiário dessas políticas, era fundamental comprovar uma renda fixa para, somente assim, assumir o compromisso de pagar as prestações das casas, focando suas ações, em Teresina, em famílias que residiam em favelas, em locais inapropriados e, sobretudo, em zonas de maior potencial imobiliário, de onde eram retiradas as famílias e remanejadas para novos conjuntos habitacionais, localizados fora do perímetro urbano, a exemplo do que aconteceu com o conjunto habitacional Dirceu Arcoverde^{IX}.

A CIDADE EM “GUERRA”: A VILA DA PAZ E SUA HISTÓRIA (TERESINA, 1986-1990)

MARCELO DE SOUSA NETO
KARINA VIANA DA SILVA

Mesmo existindo a possibilidade de financiamento habitacional de casas populares, contudo, restava ainda uma grande parcela da população que se encontrava a margem dessas políticas sociais, logo, a maneira encontrada pelos excluídos da limitada política habitacional do Estado foi a ocupação de terrenos ociosos para construir suas casas sem a condição do pagamento de prestações, estabelecendo, assim, de maneira resistente o direito à cidade que era negado a esses segmentos da sociedade.

Dessa forma, as pessoas que não eram beneficiadas por essas medidas, procuraram outros meios para alcançar o sonho da casa própria, no caso em questão a forma escolhida foi a ocupação de um terreno que não oferecia as condições de infraestrutura. No entanto, a falta de estrutura permitiu também a criação de novas formas de sociabilidades, pois, a partir da necessidade de fazerem parte da cidade, nasceu um sentimento de união e de luta entre sujeitos, estimulando as reivindicações de melhorias para o bairro, a exemplo de passeatas e manifestações promovidas pelos moradores, destacados nos depoimentos feitos por moradores mais antigos do bairro.

As sociabilidades construídas representam indicativo da união desses primeiros moradores, tornando-os protagonistas nas conquistas alcançadas, a exemplo do próprio direito de permanecerem naquele local e conseguir obter a moradia. Assim, com poucos meses de ocupação dos espaços, seus primeiros moradores já exerciam seu poder de pressão coletivo sobre as autoridades públicas, caracterizada pelo desejo de ali permanecer e de resistirem, por meio de suas táticas, ao desejo de expulsá-las. Essa condição pode ser observada no relato da senhora Maria da Cruz Viana da Silva, também uma das primeiras moradoras do bairro:

Quando nós chegamos aqui só era mato, mato, não tinha mais nada só mato, roçamos os matos, fizemos as casas, casinhas velhas de palha, não tinha água não tinha luz, não tinha quitanda, não tinha nada. Aí ficamos, ficamos aqui, acho que não passou um mês que estava da invasão, que nós chegamos a polícia chegou, acho que foi um mês ou dois meses por aí, não, mas, foi mais. Porque quando chegaram aqui as casas já estavam feitas. Quando a polícia chegou aqui mermã, derrubou tudo, derramou água, os meninozinhos velhos da Kátia chorando, a Kátia chorando com vontade de ir embora. Aí se juntaram todo mundo, foram pra frente da rodoviária, aí o Wall Ferraz ia chegando de Brasília eu acho, se juntou uma comitiva de gente pra ir lá, um bocado, um caminhãozinho aí, eu não fui não, eu fiquei, e lá ele disse que não ia negociar com aquela baderna todinha, porque todo mundo estava gritando, que todo mundo com medo de perder suas casas, aí tirou algumas pessoas para falar com ele lá, aí ele mandou dizer para o povo que ficou aqui, que era pra todo mundo ficar sossegado que ninguém ia sair não, que ele ia comprar, não sei se comprou, ainda hoje o pessoal fala nisso^x.

O depoimento da moradora revela muito, sobre a unidade que se estabeleceu entre os primeiros moradores desse bairro, pois quando deu-se uma das primeiras ações de retirada das famílias daquele espaço, imediatamente as pessoas reuniram-se e foram receber o prefeito, que segundo o relato da moradora assustou-se com o grande volume de gente que o esperava para pedir que intervisse ao favor daquele povo que não tinha onde morar. Nesse gesto, fica patente o desejo dos moradores e o significado assumido pelo direito de possuir a casa própria. Carrega consigo a forma encontrada da busca de

A CIDADE EM “GUERRA”: A VILA DA PAZ E SUA HISTÓRIA (TERESINA, 1986-1990)

MARCELO DE SOUSA NETO
KARINA VIANA DA SILVA

um direito entendido como justo, assegurado por lei e, àquele instante, personificado por meio do Estado.

No entanto, contrariando a postura atribuída ao mesmo, de garantir o acesso aos direitos básicos aos indivíduos, o Estado no caso da Vila da Paz, interviu a favor do proprietário do terreno, quando deferiu o pedido de reintegração de posse, pondo de lado as suas atribuições legais em relação aos menos favorecidos.

Mas a posição tomada pelo o prefeito em decretar a ação de desapropriação da terra, marcou de maneira significativa a memória desses moradores que conviveram com o pesadelo do despejo. E foi justamente esse medo o elemento aglutinador que mobilizou essa população em exercer a pressão sob a autoridade municipal para que este acolhesse a demanda popular da sonhada casa própria.

Nessa perspectiva, outra questão que desencadeou peso no ato do prefeito Wall Ferraz, foi a aproximação do ano das eleições onde esse encarou a situação do clamor popular, que se instalou no entorno daquela comunidade, como a possibilidade de angariar votos para manutenção da sua administração. É relevante mencionar que essa era uma ideia não apenas cogitada pelo próprio chefe do poder municipal, mas também pelos moradores como é destacado pelo relato do senhor Félix de Paula:

Aí foi uma comissão para receber ele no aeroporto, quando chegaram lá, quando ele desceu o pessoal cercaram. Aí ele era assim meio grosseiro, disse umas grosserias que só tinha aproveitadores e tal. *Mas depois, com raciocínio, aproximando a política*, aí ele quando deu cinco horas da tarde. Chegaram dois secretários dele dizendo que ele tinha mandado dizer que daquela hora em diante ele decretava a desapropriação da terra^{XI}.

A partir da passagem é possível compreender que parte da população detinha a consciência do momento vivenciado, haja vista a organização das manifestações realizadas para a solução das demandas daquela parcela que estava a margem das políticas habitacionais.

Nesse sentido, é por meio do êxito alcançado por essa primeira ação reivindicatória, que se desdobraram as demais vitórias como foi o caso do acesso água e a energia, como pode ser observado na passagem a seguir:

Um grande grupo de moradores da favela Vila da Paz, na zona Norte da cidade, fez ontem uma manifestação pública em Teresina, conduzindo latas, pratos e panelas vazias, com muito ruído para chamar a atenção de toda a comunidade, procurando, dessa maneira, denunciar as péssimas condições em que vivem. A manifestação começou em frente ao prédio da Agespisa, onde os favelados exibiam principalmente latas, protestando contra o não cumprimento da promessa de implantação da rede de esgotos e água canalizada para todos^{XII}.

A partir do trecho jornalístico é possível perceber o elemento aglutinador que se desenvolveu no entorno daquela comunidade, uma vez que o cotidiano desses sujeitos

A CIDADE EM “GUERRA”: A VILA DA PAZ E SUA HISTÓRIA (TERESINA, 1986-1990)

MARCELO DE SOUSA NETO
KARINA VIANA DA SILVA

era marcado essencialmente pela luta de qualquer estrutura que lhe possibilitasse um viver digno. Assim, a maneira encontrada para amenizar as faltas era demonstrar a toda a sociedade a sua insatisfação bem como de maneira implícita evidenciar a sua pressão política.

Soma-se a essa questão da unidade entre os primeiros ocupantes, o fato de que nos primórdios do bairro se estabeleceu toda uma relação de proximidade entre os mesmos, condição destacada nos estudos de Benilton Torres de Lacerda, também sobre a cidade de Teresina, que observa,

No bairro, inúmeras vezes, as relações pessoais precedem ao novo lugar de morada, sendo que outras vezes os laços de vizinhança são fomentados logo no início da construção da moradia, pois a ocupação da área é feita em parceria de espontaneidade recíproca, e, muitas vezes, por troca de serviços e favores, tecendo uma relação de cumplicidade que vai se costurando no dia a dia^{XIII}.

Em sua luta pela permanência nos espaços da ocupação, os primeiros moradores da Vila tiveram que enfrentar mesmo acusações levianas de agentes da prefeitura de Teresina, a exemplo do que foi denunciado pela fala da presidente da associação de moradores do bairro Três Andares, a senhora Maria do Carmo Silva, em matéria do jornal O Dia, ao destacar que, “não adianta a prefeitura dizer que a maioria das famílias é composta de aproveitadores, pois pessoas com outros interesses não tentariam viver em um local, como mostra a situação precária de existência dos moradores”^{XIV}. Essa foi a postura inicial adotada pelo poder público, em desclassificar os sujeitos que participaram da ocupação e que não possuíam um teto próprio, na tentativa de mascarar as reais condições das políticas habitacionais no município, visto que essas não conseguiam responder adequadamente às demandas da população.

Nesta mesma passagem, fica ainda expresso as condições dos espaços encontradas por esses primeiros moradores, tidas como de “situação precária”, o que caracteriza, segundo a entrevistada da matéria, a boa-fé daqueles que promoveram a ocupação do local, motivados pela necessidade de acesso a moradia e não a benefícios outros que o local pudesse promover aos ocupantes.

A precariedade do local ocupado, por sua vez, também é lembrada por outros moradores, a exemplo da senhora Maria Viana da Silva, que em citação anterior já frisava que, “quando nós chegamos aqui só era mato, mato, não tinha mais nada só mato”^{XV}, denunciando a completa ausência de aparelhos urbanísticos que pudessem ser aproveitados pelos ocupantes e mesmo indicando que a região não se integrava ao conjunto urbano da cidade.

Durante a ocupação da área do que viria a ser a futura Vila da Paz, não se pode negar a possibilidade de existência de pessoas que possuíam moradia e tinham interesse apenas em comercializar uma possível área conseguida. No entanto, os limites das fontes consultadas não permitem identificar ocupantes com essa intenção. Por outro lado, a possibilidade da existência não permite que as autoridades públicas, estas também responsáveis pelo acesso à moradia para população mais vulnerável da cidade,

A CIDADE EM “GUERRA”: A VILA DA PAZ E SUA HISTÓRIA (TERESINA, 1986-1990)

MARCELO DE SOUSA NETO
KARINA VIANA DA SILVA

classifiquem de aproveitadores todo um coletivo de pessoas desamparadas por essas mesmas autoridades.

O que as fontes permitem afirmar é que aquela população, responsável pela ocupação da região, não possuíam recursos para adquirir a casa própria, estimulando a ação de ocupar uma área sem as condições de infraestrutura, denunciando a extrema necessidade desta e os limites do Estado em promover políticas de acesso à moradia.

Desta forma, verifica-se a insuficiência das medidas governamentais com viés habitacional, resultando em uma cidade que seu crescimento se deu de maneira desordenado e permeado de um número significativo de ocupações de terras, o que denota o descompasso da cidade em acompanhar seu crescimento e em oferecer infraestrutura mínima para parcela de seus moradores.

Foi nesse contexto que as famílias unidas procuraram se organizar para rechaçar um pedido de despejo do terreno no ano de 1987, impetrado por um dos sujeitos que alegavam ser o proprietário do terreno, o juiz do trabalho Cícero Ferraz, residente em Fortaleza.

A esta época a área ocupada encontrava-se em litígio entre Cícero Ferraz e outras pessoas, que alegavam ser herdeiras do terreno, e com ganho de causa ao primeiro. Apesar dos imbróglis jurídicos, os ocupantes que ali residiam uniram-se para resistir e continuar naquele local, pois, como destacado na imprensa local, “Há vários meses a comunidade vem se mobilizando para que o governo desaproprie a área. No último dia 3 de dezembro de 1986 houve uma passeata com mais de 500 pessoas para pressionar o juiz a rever a sua decisão”^{XVI}. Contudo os moradores não tiveram êxito com a mobilização, e o medo e receio de serem expulsos daquela localidade tornava-se cada vez mais presente.

O pesadelo do despejo passou, então, a fazer parte do cotidiano dos moradores da Vila, tendo como auge desse momento de tensão o dia 13 de fevereiro de 1987, quando a polícia militar deu início a execução de mandato de reintegração de posse, concedido a Cícero Ferraz pelo o então juiz Ozires Neves.

Os moradores decidiram rapidamente dividirem-se no sentido de que uma parte ficou no local resistindo, e a outra saiu em passeata quando tiveram conhecimento que o prefeito da cidade, retornaria de uma viagem e desembarcaria no aeroporto de Teresina. A iniciativa, por meio da mobilização social, objetivava pressionar politicamente o poder municipal a apoiá-los e fortalecer a luta pela posse da área.

Nessa oportunidade, os moradores procuraram apoio também junto à Secretaria Municipal do Interior e Assuntos Especiais, presidida pelo advogado Acilino Ribeiro, a Federação de Associações de Moradores e Conselhos Comunitários do Piauí – FAMCC e ao Centro Piauiense de Ação Cultural – CEPAC.

Sobre o episódio, a imprensa local destacava:

A CIDADE EM “GUERRA”: A VILA DA PAZ E SUA HISTÓRIA (TERESINA, 1986-1990)

MARCELO DE SOUSA NETO
KARINA VIANA DA SILVA

A operação de despejo foi suspensa, após negociações dos advogados com o comando da tropa. Hoje à tarde, a comissão de negociação composta pelos advogados Losima Miranda (Cepac), Edilson Farias e o secretário municipal do interior e assuntos especiais, Acilino Ribeiro, além da líder da comunidade, Maria do Carmo Silva, vai se reunir com representantes do governo para tentar uma solução para o problema^{XVII}.

Esses eventos marcaram de forma profunda as memórias dos moradores envolvidos, onde torna-se oportuno destacar as formas que estes significaram os momentos de resistência pelo acesso ao direito à moradia, a exemplo do que relembra o senhor Félix de Paula “houve um pedido de reintegração da posse, então quando a justiça autorizou a reintegração da posse, aí houve uma luta muito forte do povo resistindo pra não sair”^{XVIII}. A resistência se configurou, segundo pesquisa aos jornais da época, por meio de mobilização até o tribunal de justiça afim de que o juiz que deferiu o pedido, volta-se atrás na sua decisão a favor da população, além de resistirem a saírem das casas, valendo-se mesmo de táticas de resistência pacíficas, que evitavam o confronto direto com as forças policiais, como também destacado pelo morador:

Não, não foi violenta porque, como se diz a polícia não veio com... A justiça, os oficiais de justiça e um grande contingente de policial. Mas não houve assim violência de espancaram ninguém não, por que nós... quando os oficiais de justiça, eles vieram de maneira até educada, mandando que o pessoal saísse das casas, saíssem e tirassem os objetos das casas, aí eles tiravam as cadeiras, mesas e botavam no meio da rua e desocupassem as casas. Mas nessas alturas um pessoal se reuniu, teve algumas pessoas que orientou, que quando eles entrassem em uma casa que tirassem os objetos cadeira mesa, botava na rua, aí eles iam pra outra casa vizinha, o pessoal se reunia todinho e botava dentro das casas de novo. Aí o pessoal começou a resistir. Aí começou a chegar aquelas entidades de base, como a Famcc o Cepac, e tudo era entidade que organizava lutas, aí houve essa resistência. Aí quando chegou um certo momento, que eles acharam que o negócio estava muito “inflamado”, eles pediram reforço, aí chegou muito reforço da polícia militar que chegou até a congestionar aquela área da rodoviária, que digamos congestionar o trânsito. Mas o pessoal continuou resistindo^{XIX}.

No depoimento do morador, sobressai-se a consciência dos moradores de sua fragilidade frente à autoridade do Estado, materializado no evento pela presença do oficial de justiça e da polícia, mas também suas táticas de resistência não violenta e de importantes aliados em sua luta.

Por outro lado, como destacado por periódico à época, a ação de desapropriação promoveu ações violentas durante a tentativa de reapropriação de posse, como se pode perceber no fragmento a seguir:

Ânimos exaltados, duas pessoas presas e vários casos de desmaio foi o resultado da ação das policias civil e militar na Vila da Paz, numa tentativa de executar a ordem de despejo das famílias que construíram a favela. A confusão começou por volta das 9 horas, policiais armados, alguns deles de escopetas, tentou expulsar do terreno as 800 famílias que hoje ocupam a área”. De acordo com a líder da comunidade, Maria do Carmo Silva, a violência poderia ter sido contida caso os policiais não tivessem invadido as casas obrigando a retirada dos moradores. A população resistiu a ação da

A CIDADE EM “GUERRA”: A VILA DA PAZ E SUA HISTÓRIA (TERESINA, 1986-1990)

MARCELO DE SOUSA NETO
KARINA VIANA DA SILVA

polícia sob as palavras de ordem como “O povo Unido Jamais será Vencido”^{XX}.

Como se pôde perceber no fragmento anterior, a ação de despejo contra os ocupantes da Vila gerou atritos significativos, deixando marcas e atraindo o olhar da cidade para região. Deixa ainda visível a importância da área ocupada para aquelas pessoas, que mesmo sobre a ameaça do constrangimento físico resistiram à força do Estado, motivados pelo sonho da moradia ou pelo desespero de não ter para onde ir.

A ação violenta do Estado durante a tentativa de despejo dos ocupantes também foi destacada nas memórias da senhora Maria da Cruz Silva, que relembra a ação dos policiais:

Eu achei violenta, porque se a gente dissesse alguma coisa eles batiam na gente, porque eles chegaram derramando tudo que achavam pela frente, querendo derrubar as casas, aí só porque o pessoal, quando eles entraram, quando eles começaram agir desse jeito, o pessoal da associação estavam logo aqui, aí veio esse homem que era vereador, não sei, eu sei que ele alguma coisa aí da política, aí foram chamado muitos canais de televisão também, aí minha filha tava igual o Rio de Janeiro, pegando fogo. Aí eles não bateram no povo, mas foram muito truculentos. Estou te dizendo, meninozinho chorando, panelazinha no fogo na lenha. A gente ia buscar água longe e eles ainda derramavam, eles derramaram os tambores da casa da Kátia todinho cheio d’água, minha filha o bicho era ignorante pra danar, e não era pouco não era muito, muito, era de cavalo, de carro porque carro não entrava muito, porque não tinha muita rua, mas era montado nos cavalos, passava e metia o pé assim [gesto com o pé]^{XXI}.

A partir desses dois relatos de moradores surge um ponto interessante a ser destacado, a questão de como os diferentes sujeitos encaram e interpretam os mesmos acontecimentos, no sentido de que para o senhor Félix a ação da polícia não foi violenta, e já para a senhora Maria da Cruz, foi violenta, é compreender o quanto um determinado acontecimento assume diferentes interpretações. Entende-se que os sujeitos não têm ou podem não ter concepções iguais sobre os eventos, mas que essas diferenças ou semelhanças constituem-se em importantes elementos de discussão, possíveis de ser percebidas por meio das análises construídas a partir do uso da metodologia da História Oral.

Transcorridas poucas horas do início do movimento de despejo e de luta pela permanência naquela localidade, o prefeito da capital, sob o efeito da opinião pública e pela pressão exercida pelo o grande número de manifestantes que foram recebê-lo, volta atrás da decisão de não negociar com os ocupantes, e decretou a desapropriação da terra em favor dos moradores da Vila, como se pode observar em periódico da época:

O prefeito Wall Ferraz assinou ontem à tarde decreto desapropriando a área em que se formou a “Vila da Paz”, nas imediações da rodoviária de Teresina, e na próxima segunda-feira entra com uma petição na justiça requerendo a sustação da liminar que concede a ação de despejo na favela. “A prefeitura envidará todos os esforços no sentido de que aqueles que não tenham teto não sejam expulsos do local em que se encontram”, garantiu Wall Ferraz, assegurando, ainda, que lutará até o último instante para que o ato da justiça

A CIDADE EM “GUERRA”: A VILA DA PAZ E SUA HISTÓRIA (TERESINA, 1986-1990)

MARCELO DE SOUSA NETO
KARINA VIANA DA SILVA

seja suspenso e as famílias necessitadas de moradias não sejam despejadas^{XXII}.

No fragmento, é possível observar que o despejo dos moradores da Vila era um movimento dado como certo, matéria vencida nos tribunais, mas que ganha novo capítulo com a interferência do poder municipal que, personificado na figura do prefeito da capital, assume-se como defensor das “famílias necessitadas de moradia”. Desta forma, com a desapropriação, e conseqüentemente indenização dos proprietários, o prefeito estava dando seguimento a uma atribuição de sua pasta no tocante o uso do solo do município e das formas de acesso à moradia de seus munícipes. Por outro lado, o evento permitiu ao prefeito capitalizar importantes dividendos políticos entre os moradores da região e que se refletiu em eleições posteriores.

É possível, ainda, notar que o prefeito tinha o conhecimento do déficit habitacional que vivia a capital, e que para tanto resolveu assegurar a permanência das famílias naquele local, atendendo um anseio imediato, evitando que o problema migrasse para outras áreas da cidade e protelando a necessidade de intervenções imediatas no tecido urbano da cidade, mesmo sem a menor infraestrutura na região e que por muito tempo permaneceu o mesmo, integrando de forma artificial e improvisada os primeiros moradores da Vila da Paz à cidade de Teresina.

2 E a Vila se transforma

Conquistado o direito à terra, mediada por esforços dos moradores e conveniências políticas, muito ainda teria que ser conquistado no que se refere ao acesso a aparelhos urbanísticos que pudessem integrar seus moradores ao restante da cidade e oferecer-lhes o mínimo de comodidade no espaço recém conquistado. Essas novas conquistas, no entanto, têm tardado a chegar ou têm chegado de forma vagarosa aos seus moradores, fruto, por um lado da topografia acidentada da região, por outro do pequeno empenho político em resolver os desafios enfrentados pelos moradores da Vila.

No entanto, deve-se ressaltar que com a desapropriação da área e a regularização dos lotes que compunham a Vila, seus moradores puderam dar início a outras conquistas, pessoais e coletivas, como o acesso ao direito sucessório sobre os lotes conquistados e a financiamentos bancários, importantes à melhoria das moradias. Em paralelo, aparelhos e serviços públicos começaram, mesmo que timidamente, a compor a paisagem urbanística da Vila, beneficiando seus primeiros moradores.

Dessa forma, tão logo garantida a posse dos lotes, novas reivindicações foram postas em marcha, na procura de sanar as lacunas deixadas por um nascimento não planejado, mas necessárias a consolidação da Vila da Paz como parte integrante dos espaços urbanos da Capital e que encontrou na mobilização e ação coletiva de seus moradores os fundamentos da organização e distribuição dos espaços da Vila, como por exemplo os próprios grotões, córregos d’água que percorrem todo o interior da Vila, transformados pela reivindicação de seus moradores em local de caminhadas e trânsito de pedestres, demarcando pelo uso parte da organização espacial do local e lhe

A CIDADE EM “GUERRA”: A VILA DA PAZ E SUA HISTÓRIA (TERESINA, 1986-1990)

MARCELO DE SOUSA NETO
KARINA VIANA DA SILVA

ressignificando valor, ao ser transformado como local de prática de exercício e de construção de novas sociabilidades.

Neste processo de definição dos espaços da Vila, o papel da Igreja católica se fez manifesto por meio de seus representantes e, de forma especial, por meio da presença do padre suíço Pedro Balzi, responsável por importante obra de evangelização, idealização e construção de igrejas e escolas na região.

A importância de Padre Pedro Balzi, ainda desconhecido dos moradores e da cidade no início da formação da Vila, já era destacada pela imprensa na época, que dava conta mesmo de episódios de desentendimentos do Padre com traficantes de drogas na região da Vila da Paz, como destacado no fragmento a seguir:

Revoltado porque o padre da paróquia da Vila da Paz, o suíço Pedro Balzi, está evangelizando a comunidade reduzindo o número de viciados em drogas, o traficante Lourenço Ribamar da Silva, mais conhecido por “Legal”, residente na rua do Fio, número 2238, naquele bairro, afirmou que irá matá-lo, mas terminou sendo preso por policiais lotados na delegacia do 13º Distrito e conduzido para a Delegacia^{XXIII}.

Por meio do fragmento, se pode perceber um outro desafio enfrentado pelos moradores da Vila, a presença do consumo de entorpecentes, ampliando o rol de problemas do recém-nascido bairro. Por outro lado, como é apresentado na matéria, o trabalho do Padre em afastar os adolescentes da marginalidade, por meio da educação e da evangelização, salienta a presença de agentes desejosos em ajudar na construção do novo bairro, onde a presença do próprio Padre e da Igreja Católica se fizeram importantes para a constituição desse lugar, enquanto espaço de morada. Desta forma, é possível apreender a relevância da Igreja Católica, por meio do trabalho sacerdotal e educacional levado à frente por Padre Pedro Balzi, na conformação da organização espacial e infraestrutural da Vila.

Iniciado o processo de estruturação da Vila, com a chegada dos primeiros aparelhos e serviços públicos, novas demandas foram sendo abertas e os contornos e cores da Vila da Paz foram sendo definidas e em meio a esse processo, o trabalho da Igreja Católica, assume papel de destaque na mediação entre o Estado e as demandas da comunidade, assumindo Padre Pedro Balzi o papel de porta voz dos moradores.

A própria presença da Igreja já sinalizava para solução de demandas da comunidade, pois, com a construção de duas grandes escolas na região, uma de Educação Infantil, a Creche Nossa Senhora da Paz, e outra de Ensino Fundamental e profissionalizante, Escola Técnica Popular Nossa Senhora da Paz, estas oportunizaram a abertura de várias vagas de emprego, beneficiando pessoas da comunidade e permitindo a circulação de renda. Somado a isso, destaca-se que as escolas ofereciam cursos profissionalizantes à comunidade, fortalecendo a competitividade de moradores da Vila junto ao mercado de trabalho.

Outra consequência da presença da Igreja, com construção de templos, posto médico e escolas, refere-se à necessidade de que fossem providas a chegada de novos serviços públicos, tais como redes de energia elétrica e telefone e sistemas de água e

A CIDADE EM “GUERRA”: A VILA DA PAZ E SUA HISTÓRIA (TERESINA, 1986-1990)

MARCELO DE SOUSA NETO
KARINA VIANA DA SILVA

esgoto sanitário. A Vila demandava por aparelhos e serviços públicos e encontrou na Igreja Católica e na figura do Padre Pedro Balzi importantes elementos promotores e catalisador de ações para chegada destes, pois, como ressalta Josélia Alves de Paula, uma das moradoras da região acerca do trabalho do Padre,

Ele começou a morar aqui com a gente, fundou a paróquia, aqui a paróquia Nossa Senhora da Paz, fundou as Igrejas, fez mesmo a Igreja, comprou vários terrenos aqui, e foi fazendo as obras sociais que são as escolas, as creches, o posto de saúde, toda essa estrutura que a gente tem aqui hoje foi ele que fez, em convênio com a prefeitura, a prefeitura paga os funcionários, faz a manutenção do material, mas assim tudo foi por ele, tudo foi iniciativa dele. Então a gente tem esse orgulho muito grande de participar dessa história, de ter feito parte dessa história. E além assim do bem material, escolas pra criança, quase 4 mil alunos, entre o ensino infantil até o ensino médio. Além disso, a questão da fé, ele cultivou a gente a participar da Igreja, dos grupos da comunidade^{XXIV}.

Por meio do fragmento, podemos perceber o protagonismo e a influência do Padre sobre a comunidade, uma vez que este promoveu a construção de todo um conjunto arquitetônico na região que demarca, até os dias de hoje a espacialidade da Vila, influência esta que, além do religioso, extrapola para seus aspectos sociais e políticos.

No entanto, torna-se necessário destacar que a conformação dos espaços urbanos, a exemplo do que se pôde perceber no presente estudo, se dá por meio do diálogo, muitas vezes tenso, entre os personagens envolvidos, assumindo o Estado papel de destaque como promotor de políticas públicas, como bem destacados nos estudos de Corrêa,

A evolução da favela, isto é, a sua progressiva urbanização até tornar-se um bairro popular, resulta, de um lado, da ação dos próprios moradores que, pouco a pouco, durante um longo período de tempo, vão melhorando suas residências e implantando atividades econômicas diversas. De outro, advém da ação do Estado, que implanta alguma infraestrutura urbana, seja a partir de pressões exercidas pelos moradores organizados em associações, seja a partir de interesses eleitoreiros. Esta urbanização, contudo, desencadeia uma valorização que acaba por expulsar alguns de seus moradores e atrair outros^{XXV}.

Observa-se por meio da citação, a importância do Estado como agente transformador quando provocado pela sociedade civil organizada. Por outro viés, no entanto, denuncia o fato de que nem todos podem ser mantidos no espaço em transformação. No caso em estudo, essa condição pôde ser percebida com o deslocamento de famílias para outras partes da Vila, e mesmo para outras regiões da cidade, para dar lugar as obras de urbanização dos espaços, gerando a desterritorialização de sujeitos, que perderam suas ligações afetivas e profissionais com o espaço construído.

Entendido como mal necessário, resultante do imprevisto de seu nascimento, a Vila expulsou parte de seus próprios filhos para, em discurso, beneficiar uma maioria,

A CIDADE EM “GUERRA”: A VILA DA PAZ E SUA HISTÓRIA (TERESINA, 1986-1990)

MARCELO DE SOUSA NETO
KARINA VIANA DA SILVA

gerando traumas, ressentimento e mesmo resistência que, em sentido amplo, ajudam a compor a história e a paisagem da mesma.

3 De Vila a Bairro: A Vila da Paz e o Projeto Vila-Bairro

Os espaços da Vila, então, começaram a se transformar, ganhando novos contornos e “um endereço na cidade”^{XXVI}, inserindo-se nas agendas dos poderes do Estado, que inicia, em fins da década de 1990, um conjunto de políticas públicas que afetou o cotidiano e a cartografia da região, no contexto de criação do programa Vila-Bairro, beneficiando parcela dos moradores da Vila da Paz.

O programa previa a melhoria de vilas e favelas da cidade, buscando atingir um padrão mínimo de urbanização, construindo casas, saneamento básico, calçando ruas, entre outras ações. Proposto na primeira gestão do prefeito Firmino da Silveira Soares Filho (1997-2000, 2001-2004, 2013-2016, 2017-...), o programa, como observado por Antônia Jesuíta Lima, foi,

Concebido para ser o marco de sua 1ª gestão, o Projeto Vila-Bairro (criado pelo dec. Nº 3.344 de 7.1.1997) compunha com outras proposições, como a revitalização do centro e o Projeto Lagoas do Norte, um conjunto de propostas de intervenção no espaço urbano, tendo sido essa a iniciativa que se concretizou e a que produziu maior apelo popular por se tratar de uma ação direta, ampla e simultânea em diferentes favelas da cidade, produzindo um forte efeito-demonstração capaz de garantir a continuidade do PSDB na Prefeitura, através da eleição de seu sucessor para o período 2005/2008. A proposta original do projeto Vila-Bairro traz como principal justificativa a necessidade de responder, com ações concretas e eficientes, ao profundo quadro de empobrecimento da população urbana. Focalizando a ação em 155 áreas^{XXVII}.

Observa-se, pelo fragmento, que a questão dos espaços urbanos da cidade de Teresina despontava como um sério problema a ser enfrentado e reconhecido pelas autoridades municipais que, por meio do Projeto Vila-Bairro, procurava responder à demanda, representando o Programa também um símbolo da administração de forma a capitalizar apoio político para continuidade da gestão. Essa condição corrobora, mais uma vez, com Roberto Lobato Corrêa, que compreende a interferência do Estado no tecido urbano das cidades como resultado das pressões exercidas por seus usuários, ações muitas vezes movidas por interesses eleitoreiros. No entanto, no caso em análise, as intervenções do poder municipal na Vila da Paz se fizeram limitadas, restrita a melhoria de parcela das casas por meio do regime de “mutirão”, onde a Prefeitura financiava a compra de material para construção de casas com modelo pré-definido e os moradores entravam com sua mão de obra, e a construção de banheiros externos às residências, por meio do mesmo sistema.

A falta de infraestrutura básica para o acolhimento dos moradores da Vila, resultou como consequência do não planejamento do crescimento da cidade, que

A CIDADE EM “GUERRA”: A VILA DA PAZ E SUA HISTÓRIA (TERESINA, 1986-1990)

MARCELO DE SOUSA NETO
KARINA VIANA DA SILVA

convulsionava a partir de demandas reprimidas por moradia. Nesse sentido, a reconfiguração dos espaços urbanos na cidade de Teresina, na década de 1980, assume o imprevisto como uma de suas marcas, resultando, como destacado nos estudos de Leite, que a “ocupação dos espaços urbanos ocorre de forma rápida e desordenada, não havendo, assim, um planejamento prévio para ocupação do solo urbano, provocando um intenso processo de periferação e uma conseqüente marginalização sócio-espacial”^{xxviii}. A Vila da Paz, objeto da pesquisa realizada, não se desvincilhou à essas características.

Em meio a esse processo de construção e ressignificação do espaço conquistado, os moradores da Vila assumiram o protagonismo das ações, atraindo o olhar dos poderes constituídos e mesmo de agentes da Igreja Católica. Seus moradores interferiram na cartografia da cidade, movidos pelo orgulho do lar conquistado e por diversos outros sentimentos de pertencimento ao novo espaço, e nesse processo de construção, direitos básicos, a exemplo do direito de acesso a água e de comprarem alimentos, figuram entre os desafios enfrentados por seus primeiros moradores, como relembra a senhora Maria da Cruz Silva:

E assim foi aí ficamos, ficamos, aí começou a melhorar, botamos um chafariz aqui, outro acolá. Mas primeiro mesmo nós pegávamos na Costa Rica [bairro próximo], depois da Costa Rica quando nós viemos pegar, nós pegávamos aí na grotta. No fundo daí nessa grotta, aí perto da Igreja. “E era limpa a água?” era num minador mulher, o minadorzinho, minava água e a gente pegava, pra lavar louça, banhar. Agora pra beber a gente ia pegar na Costa Rica íamos pegar lá no Quatro Rodas [posto de combustíveis], ali bem pertinho do Quatro Rodas, depois vieram e botaram ali bem pertinho onde o Oscar mora. Aí nós íamos lavar roupa lá, se a gente ia comprar alguma coisa, a gente ia na Redenção, ou a gente ia lá no seu Almir [comerciante de conjunto próxima da Vila], o seu Almir já existia, ali por rumo dali. E então a gente ia para o mercado central fazer compra, pra vim com as coisinhas na cabeça nos ônibus. E assim foi melhorando^{xxix}.

Por meio do fragmento, percebe-se a extrema inadequação da área ocupada para a construção das moradias que, como destaca Corrêa, resultam da “resistência e sobrevivência que se traduzem na apropriação de terrenos usualmente inadequado para os outros agentes da produção do espaço, encostas íngremes e áreas alagadiças”^{xxx}. Entretanto, pela iniciativa desses primeiros moradores a cidade passou a mais uma vez se transformar, ganhando novas feições e novas histórias que ainda não se completaram e que ajudam na discussão do que tem se tornado a cidade de Teresina, pois, ainda recorrendo a Corrêa,

É na produção da favela, em terrenos públicos ou privados invadidos, que os grupos sociais excluídos tornam-se, efetivamente, agentes moduladores, produzindo seu próprio espaço, na maioria dos casos independentemente e a despeito dos outros agentes. A produção deste espaço é, antes de mais nada, uma forma de resistência e, ao mesmo tempo, uma estratégia de sobrevivência. Resistência e sobrevivência impostas aos grupos sociais recém expulsos do campo às operações de renovação, que lutam pelo direito à cidade^{xxxi}.

A CIDADE EM “GUERRA”: A VILA DA PAZ E SUA HISTÓRIA (TERESINA, 1986-1990)

MARCELO DE SOUSA NETO
KARINA VIANA DA SILVA

Em sua luta pelo direito à cidade, mediada pelos sonhos e necessidades, os moradores da Vila da Paz assumiram o protagonismo de remodelar parcela da cidade e, por meio de suas “táticas do fraco”, como definiu Michel de Certeau^{XXXII}, tornaram-se produtores de sua história e da história da cidade através de suas vivências com o cenário urbano que lhes era possibilitado através do bairro conquistado como local de moradia e de convivência.

Considerações finais:

Ao longo do presente escrito, se procurou analisar fragmentos da trajetória histórica do bairro Vila da Paz, destacando os interesses e processos que permitiram sua formação e relação com a cidade, as maneiras como seus moradores experienciaram e sentiram o novo espaço urbano, além de seu protagonismo no diálogo construído com os poderes do Estado e da Igreja Católica.

Nesta caminhada, se pôde perceber o descompasso entre o desejado pelos moradores e o oferecido pelo Estado, a exemplo das dificuldades da implantação de serviços públicos na região, obrigando seus moradores a conduzir a modelação dos espaços da Vila, por meio de suas táticas de resistência e sobrevivência, construindo espaços e sociabilidades que a caracterizaram, mitigado pelo interesse político crescente sobre a região, que possuía e possui um potencial eleitoral que não podia e não pode ser desconsiderado.

Desta forma, se pode reconhecer que seus moradores, em sua luta diária, por sobrevivência e dignidade em seus espaços de morada, conseguiram imprimir marcas expressivas no tecido urbano de Teresina, por meio de suas iniciativas e protestos que repercutiram na opinião pública, reconhecendo que nenhuma conquista é permanente ou definitiva, motivando seus moradores a continuarem em sua luta pelo direito de fazerem parte da cidade.

^I Professor Associado da Universidade Estadual do Piauí e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Piauí

^{II} Mestre em História pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Piauí. Esse texto foi produzido com financiamento da CAPES.

^{III} Grande cavidade, depressão geológica profunda, que se forma pela ação da água da chuva, situada entre relevos fortemente desnivelados.

^{IV} PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. In: Revista brasileira de história, São Paulo. vol.17. n° 53, julho de 2007.

^V DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História oral: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

^{VI} PESAVENTO, op.cit., 2007, p.20.

^{VII} Morador participante da ocupação da Vila da Paz, atualmente tem a idade de 79 anos, aposentado, exerceu a profissão de policial militar, é casado teve três filhos, participou ativamente da associação dos moradores da Vila da Paz.

A CIDADE EM “GUERRA”: A VILA DA PAZ E SUA HISTÓRIA (TERESINA, 1986-1990)

MARCELO DE SOUSA NETO
KARINA VIANA DA SILVA

^{VIII} SOUSA NETO, Marcelo de. SONHOS, TIJOLOS E A DITADURA: a política de moradia popular durante os Governos Militares (Piauí, década de 1970). **Escritas**: Revista do Curso de História de Araguaína, [S.l.], v. 8, n. 2, p. 279-295, jan. 2017. ISSN 2238-7188. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/escritas/article/view/2455>>. Acesso em: 03 abr. 2018.

^{IX} SOUSA NETO, op.cit., 2017.

^X Moradora e participante da ocupação da Vila da Paz. Tem a idade de 50 anos, dona de casa, casada teve quatro filhos, vivenciou o início da ocupação, as lutas por melhorias e o momento da reintegração de posse do terreno.

^{XI} FÉLIX DE PAULA, op.cit., 2018.

^{XII} VILA DA PAZ... **Correio do Piauí**, 07 jul. 1987, p.05.

^{XIII} LACERDA, Benilton Torres de. O ALTAR POLITIZADO: O bairro Parque Piauí Teresina -PI) e a ação da Igreja Católica na organização dos movimentos populares (1968-1985). Teresina: Universidade Federal do Piauí [Dissertação], p.12, 2013.

^{XIV} FAVELADOS... **O Dia**, 21 jan. 1987, p. 07.

^{XV} SILVA, op.cit., 2017.

^{XVI} TUMULTO.... **O Dia**, 13 fev. 1987, p. 07.

^{XVII} TUMULTO. op. cit., 1987.

^{XVIII} FÉLIX DE PAULA. op. cit., 2016.

^{XIX} FÉLIX DE PAULA, op. cit., 2016.

^{XX} TUMULTO. op. cit., 1987.

^{XXI} SILVA, op. cit., 2017.

^{XXII} WALL.... **O Dia**, 14 fev. 1987, p. 03.

^{XXIII} PADRE... **Diário do Povo**, 24 set. 1993, p.08.

^{XXIV} Professora na Creche Nossa Senhora da Paz, casada, com três filhos e participante do coral da Igreja Nossa Senhora da Paz, manteve uma relação próxima de amizade com o padre Pedro Balzi.

^{XXV} CORRÊA, Roberto Lobato. O Espaço Urbano. São Paulo: Ática. 2004, p. 31

^{XXVI} CUNHA, Neiva Vieira da; MELLO, Marco Antonio da Silva: Novos conflitos na cidade: A UPP e o processo de urbanização na favela. Rio de Janeiro, DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social - Vol. 4 - no 3 - JUL/AGO/SET 2011 - pp. 371-401.

^{XXVII} LIMA, Antônia Jesuíta de, A Atuação de Governos Locais e as Políticas Urbanas no Contexto de Descentralização das Políticas Públicas. IN: II Jornada Internacional de Políticas Públicas, São Luís – MA, 23 a 26 de agosto 2005, p. 06.

^{XXVIII} LEITE, Marcos Esdras. Geoprocessamento aplicado ao estudo do espaço urbano: o caso da cidade de Montes. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia [Dissertação], p. 59, 2006.

^{XXIX} SILVA, op. cit., 2017.

^{XXX} CORRÊA, op. cit., 2004, p. 30.

^{XXXI} CORRÊA, op. cit., 2004, p. 30.

^{XXXII} CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. 1. Artes de fazer, 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

Referências Bibliográficas:

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 1. Artes de fazer, 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço Urbano**. São Paulo: Ática, 2004.
CUNHA, Neiva Vieira da; MELLO, Marco Antonio da Silva: **Novos conflitos na cidade: A UPP e o processo de urbanização na favela**. Rio de Janeiro, DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social - Vol. 4 - no 3 - JUL/AGO/SET 2011 -

A CIDADE EM “GUERRA”: A VILA DA PAZ E SUA HISTÓRIA (TERESINA, 1986-1990)

MARCELO DE SOUSA NETO
KARINA VIANA DA SILVA

- pp. 371-401.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História Oral: memória, tempo, identidade**. 2 ed. Bauru, SP: EDUSC, 2010.
- FAVELADOS da Vila da Paz correm risco de despejo. **O Dia**, 21 jan. 1987, p. 07.
- FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva; SOUSA NETO, Marcelo de. **Nasce um bairro, renasce a esperança: história e memória de moradores do Conjunto Dirceu Arcoverde**. Teresina: EDUFPI, 2017.
- LACERDA, Benilton Torres de. **O altar politizado: O bairro Parque Piauí Teresina-PI e a ação da Igreja Católica na organização dos movimentos populares (1968-1985)**. Teresina: Universidade Federal do Piauí [Dissertação], 2013.
- LEITE, Marcos Esdras. **Geoprocessamento aplicado ao estudo do espaço urbano: o caso da cidade de Montes**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia [Dissertação], 2006.
- LIMA, Antônia Jesuíta de, **A Atuação de Governos Locais e as Políticas Urbanas no Contexto de Descentralização das Políticas Públicas**. IN: II Jornada Internacional de Políticas Públicas, São Luís – MA, 23 a 26 de agosto 2005.
- PAULA, José Félix de. Entrevista concedida a Karina Viana da Silva, na residência do entrevistado. Teresina, 09 ago. 2016.
- PAULA, José Félix de. Entrevista concedida a Karina Viana da Silva, na residência do entrevistado. Teresina, 16 abr. 2018.
- PAULA, José Félix de. Entrevista concedida a Karina Viana da Silva, na residência do pai o Sr. José Félix de Paula. Teresina, 26 jun. 2017.
- PADRE é ameaçado de morte por traficante na V. da Paz. **Diário do Povo**, 24 set. 1993, p.8.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias**. In: Revista brasileira de história, São Paulo. vol.17. n.º 53, julho de 2007.
- SANTOS JÚNIOR, Antonio das Graças José dos; SILVA, Denilson Fiúza da; CAMARGO, Antônio Carlos dos Santos; SANTOS, Amanda Soares. **A Urbanização e os Impactos Ambientais: O Caso do Bairro Jardim dos Buritis, Buritizeiro-MG**. Relatório de Pesquisa, 2012. Disponível em: <http://www.unimontes.br/arquivos/2012/geografia_ixerg/eixo_politica_meio_ambiente/a_urbanizacao_e_os_impactos_ambientais_-_o_caso_do_bairro_jardim_dos_buritis.pdf>. Acesso em: 02/06/2018.
- SILVA, Maria da Cruz Viana da. Entrevista concedida a Karina Viana da Silva, na residência da entrevistada. Teresina, 02 mai. 2017.
- SOUSA NETO, Marcelo de. SONHOS, TIJOLOS E A DITADURA: a política de moradia popular durante os Governos Militares (Piauí, década de 1970). **Escritas: Revista do Curso de História de Araguaína**, [S.l.], v. 8, n. 2, p. 279-295, jan. 2017. ISSN 2238-7188. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/escritas/article/view/2455>>. Acesso em: 03 abr. 2018.
- SOUSA NETO, Marcelo de. Moradia popular e eleições: o Conjunto Itararé e as disputas eleitorais em Teresina-PI (1978-1996). **Revista Tempo e Argumento**. Florianópolis, v. 8, n. 19, p. 209 - 235. set./dez. 2016. e-ISSN: 2175-1803. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5965/2175180308192016209>>. Acesso em: 03 abr. 2018.

**A CIDADE EM “GUERRA”: A VILA DA PAZ E SUA HISTÓRIA (TERESINA,
1986-1990)**

MARCELO DE SOUSA NETO
KARINA VIANA DA SILVA

TUMULTO e prisão na tentativa de despejo na Vila. **O Dia**, 13 fev. 1987, p. 07.
VILA da Paz protesta contra falta d’água. **Correio do Piauí**, 07 jul. 1987, p.05.
WALL desapropria toda a área da “Vila da Paz” para evitar despejo. **O Dia**, 14 fev.
1987, p. 03.